

O EVANGELHO SEGUNDO SARAMAGO: UMA LEITURA DO SIMBOLISMO E DO IMAGINÁRIO CRISTÃO MEDIEVAL EM LEVANTADO DO CHÃO

Eduardo Vieira Gervásio

Resumo:

O presente trabalho procura investigar a releitura do simbolismo e do imaginário cristão medieval realizada por José Saramago em seu romance 'Levantado do chão'. A presença desse discurso religioso no romance se dá tanto pela referência do autor às figuras bíblicas, tais como Eva e o próprio Cristo, quanto pela presença de animais simbólicos cuja referência é a própria bíblia e, principalmente, os tradicionais bestiários da Idade Média. Nessa investigação, pretende-se considerar qual a relação entre a presença desse discurso religioso e a proposta marxista do romance. Assim, poder-se-á perceber se a releitura desse universo bíblico pretende reiterar os valores do cristianismo ocidental ou se, pelo contrário, há um questionamento irônico desses mesmos valores a serviço da proposta marxista do romance.

Palavras-Chave: José Saramago, Levantado do chão, Simbolismo cristão medieval, Neo-realismo, Romance político.

Abstract:

This project searches to investigate a rereading of the symbolism and medieval imaginary christian done by Jose Saramago in his novel Lifting from the ground. This religious speech in a novel happens by the interference of the author to biblical figures, such as Eva and the Christ himself, as far of the presence of symbolic animals whose reference is the bible by itself and, mainly, the traditional bestialities of Medieval Age. In the investigation, it intends to consider which is the relationship between presence of this religious speech and a marxist purpose of the novel. So, it will be seen if the rereading of this universe intends to reiterate the values of the western christianism or if, on te contrary, it exists a ironic questioning these values to the service of the marxist proposition novel.

Key-Works: José Saramago, Levantado do chão, Midle Age symbolism, Neo-realism, Politic romance

As palavras da epígrafe, que não por acaso é também a epígrafe do romance *Levantado do Chão* (1980), são bastante significativas para o tema que José Saramago pretendeu desenvolver nesse romance – a exploração dos pobres pelos ricos. Esse tema que, de uma forma ou de outra, permeia a história da humanidade, no romance em questão ele está relacionado com a história de Portugal, mais especificamente com a história da região do Alentejo, a qual vai desde a instalação da República, passando pelo regime salazarista, até o pós-25 de abril de 1974. Trata-se, pois, da ficcionalização da luta histórica¹ dos trabalhadores rurais alentejanos em busca de melhores condições de vida. Segundo as palavras de VIÇOSO (1999, p. 244), o romance é uma espécie de epopeia desses trabalhadores sujeitados pelo sistema latifundiário a carência, a privações e a condições de vida de uma espécie de escravidão.

O enredo do romance gira em torno da trajetória de uma família de trabalhadores rurais, a família Mau-Tempo. Será desse grupo de trabalhadores que sairá os primeiros conscientizadores políticos e idealizadores da reforma agrária (João Mau-Tempo, Manuel Espada e Maria Adelaide Espada). Nessa tensa trajetória de luta por justiça social no latifúndio não faltará repressão policial, torturas e prisões brutais além de assassinatos bárbaros por parte do regime ditatorial salazarista. *Levantado do chão* é, sem dúvida, um romance político, mas como bem observou Maria Alzira Seixo também é “um romance de amores rústicos, de nostalgia bucólica com aspectos de brandura” (SEIXO, 1987, p. 40), com um pouco de amenidades em meio aos sofrimentos humanos.

Esse sistema latifundiário, de herança medieval, criou um verdadeiro abismo econômico-social entre patrões, de um lado, e empregados, de outro. Nesse sentido, em *Levantado do chão*, a postura do autor decorre de uma cosmovisão marxista acerca da luta de classes. Tal postura faz com que o romance esteja inegavelmente relacionado à tradição dos romances neo-realistas portugueses. Com *Gaibéus* (1939) de Alves Redol, seguido de autores como Manoel da Fonseca, Carlos de Oliveira entre outros, surgia o neo-realismo português, uma narrativa que visava contemplar a coletividade reprimida pela classe detentora do poder. Vítor Viçoso, ao analisar as relações entre *Levantado do chão* (1980) e os demais romances neo-realistas portugueses, destaca quais seriam as inovações trazidas pelo romance de José Saramago com relação a essa tradição literária:

De acordo com a tradição neo-realista, o ponto de vista narrativo que orienta o universo da ficção é o das massas trabalhadoras; porém, no romance de Saramago, [*Levantado do chão*] a radicalidade da oposição de perspectivas, consoante o lugar do enunciador, tende, por um lado, para a carnavalização da história oficial e dos seus mitos e, por outro, para a ‘sacralização laica’, passe o paradoxo, da gesta dos trabalhadores alentejanos submetidos, desde o século XV, ao poder absoluto do ‘Livro do Latifúndio’. É nesse registro que se acentua a paródia à épica cavaleiresca ou aos rituais litúrgicos e mesmo a passagens bíblicas. (VIÇOSO, 1999, p. 244/245) (grifos nossos)

¹ A presença da história na trama do romance é evidente. Para ser coerente com a história da região José Saramago se deslocou em 1976 para o Alentejo, recolhendo histórias que estariam na gênese do romance, introduzindo personagens históricos como os trabalhadores Germano Santos Vidigal e José Adelino dos Santos, assassinados por latifundiários alentejanos.

Dois aspectos chamam a atenção no texto acima: o primeiro, já comentado, é a relação entre o romance em questão com o movimento neo-realista português; o segundo aspecto é relativo às características que fazem com que *Levantado do chão* se distancie dos demais romances neo-realistas. De acordo com Viçoso, o ponto de vista narrativo do romance em questão parodia não somente a história oficial, mas também os rituais litúrgicos e mesmo as passagens bíblicas, os quais se manifestam de maneira irônica e carnavalizada por esse narrador. Nesse sentido, apesar de toda semelhança de *Levantado do chão* com o neo-realismo português, o romance teria tendências díspares ao projeto inicial do neo-realismo, fazendo com que a obra seja, segundo as próprias palavras de José Saramago, “o último romance do neo-realismo, fora já do tempo neo-realista” (REIS, 1998 apud VIÇOSO, 1999, p. 239).

Essas singularidades do romance de José Saramago em relação à tradição neo-realista são de grande interesse para o presente estudo. Aqui pretende-se fazer uma leitura dessas singularidades de *Levantado do chão* indicadas por Viçoso – a presença do simbolismo e do imaginário cristão medieval constantes da obra por meio das referências bíblicas e dos rituais litúrgicos –, verificando como o ponto de vista do narrador parodia, ironiza e carnavaliza² esse discurso religioso. Verificar-se-á, ainda, se essa dessacralização do discurso religioso se vincula ou não à temática central do romance, ou seja, a relação desse discurso com a problemática das relações sociais e da luta de classes. Com tal propósito, pretende-se contribuir a compreensão da obra saramaguiana, a qual tem suscitado variados estudos e diferentes abordagens da crítica portuguesa e também de estudiosos brasileiros.

FIGURAS BÍBLICAS NO ALENTEJO

Em *Levantado do chão* o discurso religioso da Igreja, representada pelo padre Agamedes, personagem do romance, reflete a voz da classe dominante, mantenedora do status quo, do imobilismo social. Tal discurso alienador torna-se, portanto, insustentável ou mesmo ridículo aos olhos do leitor crítico, o qual dificilmente compartilhará com essa injustiça social. Contudo, a postura crítica do narrador fornece uma outra versão para esse discurso religioso e para os símbolos sagrados do cristianismo, os quais adquirem maior significado para a cosmovisão marxista do romance. Assim, o autor faz um questionamento dessas “verdades” estabelecidas pelo discurso cristão tradicional, as quais são sempre reiteradas pelo padre Agamedes em defesa da manutenção das classes privilegiadas e poderosas.

O autor, valendo-se sempre da voz narrativa, funda uma espécie de discurso religioso às avessas, ou seja, uma versão carnavalizada dos símbolos cristãos e mesmo de passagens bíblicas. Nesse “novíssimo testamento”

² O termo “carnavalização” está sendo utilizado na concepção de Mikhail Bakhtin que vê o universo carnavalesco como “um mundo às avessas, marcado excentricidade, pela profanação ou rebaixamento dos valores consagrados, pela reunião dos contrários, pelas alianças desiguais” cujas imagens “fundadas do oxímoro, conjugam semas antitéticos: o sagrado e o profano, o alto e o baixo, o sublime e o grotesco, a tragédia e a comédia, a sabedoria e a estultícia, o elogio e a injúria, o nascimento e a morte, a face e o verso, a afirmação e a negação”.

escrito por José Saramago, os simples e mortais trabalhadores rurais tornam-se seres divinos, assumindo o papel de figuras bíblicas. Na tônica desse discurso religioso reescrito em *Levantado do chão*, o espaço no qual esse Ser divinizado está inserido também é mitificado: a natureza, a terra mãe ou a “madre de tetas grossas” (SARAMAGO, 1996, p. 13) recebe contornos tipicamente míticos ou paradisíacos para se falar em termos bíblicos:

De cima destes sobreiros vê-se Lisboa, [...]. Veio a serpente da tentação, subiu à ramada onde está João Mau-Tempo a ver Lisboa e prometeu-lhe as maravilhas e riquezas da capital a troco do pequeno dinheiro da passagem, não tão pequeno como isso para as posses, porém, morra Marta morra farta, tolo é quem se negar. (SARAMAGO, 1996, p. 77)

Nesses termos, Lisboa é a terra miticamente concebida pelo autor, tal qual aquele paraíso edênico criado por Deus para abrigar Adão e Eva. No romance, Lisboa é o lugar sem Mal, o jardim do qual brota alimento em abundância sem a necessidade do trabalho exaustivo que os trabalhadores rurais enfrentam diariamente no Alentejo. Contudo, esse Paraíso torna-se inacessível para João Mal-Tempo que só o contempla de longe, nas agruras do trabalho em Monte Lavre. Nesse Paraíso lisboeta parodiado pelo narrador não falta sequer a Serpente da tentação que ironicamente exige o dinheiro da passagem para que João Mau-Tempo possa desfrutar de tais maravilhas, longe dos sofrimentos e dos duros trabalhos. Em outros momentos esse Paraíso é deslocado de Lisboa para outros locais, tais como as ilhas dos Açores onde Manoel Espada, genro de João Mau-Tempo, irá cumprir o serviço militar: “[...] erro primário de que nos Açores foi retirado Manoel Espada pelo seu promotor colega de companhia. As raízes da árvore do conhecimento não escolhem terrenos nem se arreceiam de distâncias”. (SARAMAGO, 1996, p. 119) Assim, novamente, a visão paradisíaca surge ironicamente da voz narrativa, que localiza a Árvore do Conhecimento nas ilhas dos Açores.

A origem para as visões do Paraíso na tradição cristã encontra-se, naturalmente, na narrativa do livro de Gênesis: 2-3. No texto bíblico, narra-se como o Criador, tendo criado o homem, em quem insuflou o dom da vida e o fez um ser vivente, plantou como sua moradia um sítio “da banda do Oriente”. Por toda parte daquele lugar, Deus teria espalhado uma vegetação agradável e generosa, a qual dava bons frutos para se comer. No meio de tal vegetação encontrava-se a Árvore da Vida, cujos frutos dariam a vida eterna ao primeiro homem e à primeira mulher, Adão e Eva. Entre esta vegetação, contudo, havia uma outra árvore, cujo fruto, se fosse comido, significaria a morte do homem: a Árvore da Ciência do Bem e do Mal ou Árvore do Conhecimento, a qual o autor de *Levantado do chão* localiza ironicamente na ilha dos Açores, território de domínio português.

O narrador desse romance saramaguiano carnavaliza o mito bíblico baseando-se na noção medieval de que o Paraíso de Adão e Eva continuaria existindo na terra após a Queda. Nesse sentido, para a maioria dos teólogos cristãos do período medieval, o Jardim do Éden se encontrava outrora num local concreto sobre a Terra. Apenas uma pequena parte deles o queriam no céu e interpretavam as indicações bíblicas como simples

alegoria. Por exemplo: como símbolo de uma vida perfeita. Entretanto, a maioria desses teólogos buscava entender a narração de forma literal. Muitas vezes se era da opinião de que o Paraíso, o centro santo do mundo, continuaria existindo em algum lugar. Sobre sua posição geográfica havia duas versões. Uma delas se baseava na antiga representação da Terra sendo plana e rodeada pelas águas do oceano primitivo. A outra seguia já o modelo de mundo do geógrafo grego Ptolomeu, do século II, que “via” a Terra como uma esfera. De acordo com os teólogos que condenavam a concepção geográfica de Ptolomeu, houve, além do oceano primitivo que abrangia a superfície da Terra plana, uma porção de terra exterior, sobre a qual o Paraíso se encontrava (KRAUSS, 2006, p. 104). Nesse sentido, o mito do Paraíso Terreal é resgatado por José Saramago com intenção de mostrar os sofrimentos dos trabalhadores rurais alentejanos de uma forma bem humorada e dessacralizada com relação ao mito bíblico original.

Ainda quanto ao tema paradisíaco, em *Levantado do chão*, tem-se a figura de Eva representada na ocasião do parto de Gracinda Mau-Tempo, filha daquele João Mau-Tempo referido anteriormente. Na inversão de papéis carnavalesca, em que a divindade é dessacralizada e perde sua aura elevada para se tornar humana, o castigo do Criador para com o pecado de Eva será revivida por Gracinda em pleno Alentejo:

Gracinha Mau-Tempo pariu com dores. [...] Quanto às dores de Gracinda Mau-Tempo não foram elas mais nem menos do que as comuns feminis desde o bem-aventurado pecado de Eva, bem-aventurado, dizemos, pelo gosto anterior, parecer de que discorda, por dever de ofício e talvez convicção, este padre Agamedes, mantenedor do mais antigo castigo da história humana, consoante Jeová determinou, Parirás com dor, e assim tem acontecido todos os dias a todas as mulheres, mesmo àquelas que o dito Jeová não conhecem o nome. Enfim, mais duradoiros são os rancores dos deuses do que dos homens. (SARAMAGO, 1996, p. 293) (grifo nosso)

A ironia do narrador começa a se manifestar quando ele se refere ao pecado de Eva – provar do fruto da Árvore do Conhecimento proibido anteriormente por Deus – como se tal fosse um pecado “bem aventurado”, ou seja, trata-se da aprovação pelo narrador da desobediência de Eva para com a advertência divina. Contudo, esse pecado fora o motivo da expulsão de Adão e Eva do Paraíso edênico. É curioso notar, ainda, que o narrador assume a ironia de seu próprio discurso em oposição ao discurso vazio e alienador do padre Agamedes. Esse discurso paródico do texto bíblico mostra a postura crítica e dessacralizadora do narrador, pois ao mesmo tempo em que ele sacraliza o ato humano da maternidade, ele também humaniza a atitude repressora de Deus. Esse Deus vingativo representado em *Levantado do chão* pelo narrador é, então, portador de um dos mais característicos defeitos humanos, ou seja, a vingança e o rancor. Nesse sentido, a carnavalização do texto bíblico no romance opera, simultaneamente, a inversão dos papéis bem definidos na tradição cristã entre o humano e o divino, assim, Deus seria mais rancoroso do que o próprio homem.

Uma outra figura bíblica bastante recorrente nessa versão parodiada das sagradas escrituras é o próprio Cristo. O nascimento do Criador se dá mesmo em Monte Lavre, lugarejo no qual se passa a maior parte da narrativa. O nascimento desse Cristo alentejano é precedido por sinais celestes que anunciam a vinda do

Salvador daqueles trabalhadores. Assim, seguindo a tônica parodística do romance, o Menino Jesus é anunciado ao povo por um simples vagabundo “maltês” e nasce de uma outra mãe provavelmente já desvirginada:

E um maltês, meio tonto que no dia seguinte ali passou, garantiu, por alma da própria mãe ainda viva, que aqueles celestes sinais anunciavam que numa malhada em ruínas, a três léguas dali, tinha nascido, mas doutra mãe, e provavelmente não virgem, uma criança que só não seria Jesus Cristo se a não baptizassem com esse nome. (SARAMAGO, 1996, p. 81)

Vários são os personagens de *Levantado do chão* que encarnam individualmente a figura divina do Criador nesse “novíssimo testamento” saramaguiano. Contudo, a própria coletividade oprimida pelo sistema latifundiário assume as características do maior mártir do cristianismo. Todos os trabalhadores rurais que vivem na miséria e sofrem todos os tipos de privações possuem um porco da santidade e da resignação de Cristo. Esses trabalhadores, que sofrem diariamente para enriquecer os patrões, tornam-se, portanto, a imagem de Cristo, pois cada atitude submissa, cada etapa de sofrimento desses desvalidos, equipara-se a um sacrifício divino, numa espécie de eucaristia diária. Assim, as palavras proferidas por Jesus Cristo como pregação para seus apóstolos, na ocasião da Santa Ceia, reaparecem aqui de forma parodiada para configurar o sacrifício humano dos trabalhadores:

[...] crucifica-te, estende o braço para a sangria, abre as veias e diz, Este é o meu sangue, bebei, esta é a minha carne, comi, esta é a minha vida, tomai-a, com a bênção da igreja, a continência à bandeira, o desfile das tropas, a entrega das credenciais, o diploma da universidade, façam-se em mim as vossas vontades, assim na terra como nos céus. (SARAMAGO, 1996, p. 74)

A dessacralização do discurso bíblico aparece aqui de forma irônica na voz do narrador que altera os textos sagrados. Num primeiro momento pode parecer que se está diante de uma exortação ao sacrifício pessoal dos trabalhadores rurais, porém, esse narrador assume falsamente esse discurso religioso tradicional e opressor. Assim, numa leitura mais atenta do texto, percebe-se que tal discurso adquire um efeito contrário à opressão. Nesse sentido, por meio da descrição passo a passo do martírio opressor, fica evidente que para quem oprime o mais fraco, a violência deve sempre ser silenciada e não descrita minuciosamente como se pode observar no texto. A carvalização da imagística religiosa nessa passagem se dá pelo deslocamento do discurso sagrado para o humano, havendo uma dessacralização do sacrifício único de Cristo, pois o sofrimento se repete com os trabalhadores oprimidos pelo poder latifundiário. Nota-se, ainda, que o efeito antilógico desse discurso promove uma relação de contigüidade entre os elementos sagrados (crucificação, eucaristia, Igreja), e profanos (bandeira,

tropas, universidade), realizando uma reunião de significados contrários, característica própria do fenômeno da carnavalização literária realizada em *Levantado do chão*.

Como foi referido anteriormente, vários personagens do romance encarnam, de maneira e em circunstâncias diferentes, a figura divina de Jesus Cristo. João Mau-Tempo refaz, pelas estradas do Alentejo, um caminho semelhante ao que Cristo percorreu até o calvário para ser crucificado. Essa via crucis alentejana, como não poderia deixar de ser, ressurge de forma parodiada e dessacralizada na figura de um simples trabalhador rural:

Aquele João Mau-Tempo, quem diz Mau-Tempo diz outro nome qualquer, é um valente, puseram-lhe o pau nas costas, e nem o patrão imagina, homem duma cana, foi uma acção bonita.[...] Grandes declamações se fazem desde há dois mil anos por ter levado Cristo a cruz ao Golgota, e com ajudas do Cireneu, e deste crucificado que aqui vai ninguém fala, ele não ceou ontem e quase nada comeu hoje, ainda com meio caminho para andar, já os olhos lhe turvam, é uma agonia, senhores, toda a gente a ver [...]. (SARAMAGO, 1996, p. 76)

João Mau-Tempo tem uma longa e difícil caminhada para provar a sua força numa gincana estúpida para garantir a sua fama de homem forte. Coordenado pelo feitor da herdade, ele humilha-se num sacrifício de percorrer um longo caminho carregando sozinho uma enorme tora de madeira, a sua Cruz a ser carregada para garantir a vaga de trabalho na semana seguinte. Para aquele leitor incapaz de reconhecer naquela enorme madeira uma referência à Cruz de Cristo, o narrador não deixa dúvidas para que essa metáfora da via crucis passe despercebida. Nesse sentido, João Mau-Tempo arcado pelo peso da barra de madeira é um Cristo que, ao contrário Cristo bíblico, não recebe a ajuda de Cireneu e mesmo fraco por falta de alimentação, pois “não ceou ontem e quase nada hoje”, percorre seu caminho sem a glória adquirida por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas há outros “cristos” no Alentejo, semelhantes a esse João Mau-Tempo. A prisão, tortura e morte do líder comunista Germano Santos Vidigal pela PIDE também pode ser relacionada com o calvário de Cristo. Trata-se de um personagem histórico (a cuja memória, alias, a obra também é dedicada), portador de um heroísmo redentor: “[...] e agora parece mesmo de propósito, é tudo a subir, como se estivéssemos a ver uma fita sobre a vida de Cristo, lá em cima é o calvário, estes são os centuriões de bota rija e guerreiro suor, levam as lanças engatilhadas” (SARAMAGO, 1996, p. 167). Não faltam atributos para esse Cristo alentejano: o calvário, os centuriões e nem mesmo a Verônica e o sudário que com a outra história se assemelha. É Cesaltina uma humilde mulher do povo que, indignada com a cena violenta contra Germano Vidigal, lhe enxuga o rosto “como um sudário” num lençol úmido. As relações entre o homem e a figura divina de Cristo nessa narrativa manipulam os dados religiosos, ora parodiando-o numa intenção cômica e depreciativa, ora resgatando-o sem profaná-lo, como neste último caso, apenas transferindo os elementos sagrados para o profano, ressaltando a grandeza e a importância dos dramas humanos.

Nesse evangelho saramaguiano, Jesus Cristo pode reencarnar na terra em forma de uma humilde mulher do povo. Maria Adelaide Espada, filha de Gracinda Mau-Tempo (a herdeira do pecado de Eva) e de Manuel Espada, reencarna o ritual do nascimento de Jesus Cristo. Essa menina de “olhos azuis como Cristo”, herdeira

do espírito revolucionário do avô João Mau-Tempo, é parte dessa família de camponeses pobres que se tornam, nessa versão parodiada da bíblia, uma verdadeira e sagrada família humana. Maria Adelaide será a esperança de renovação de vida, de um novo tempo em que os trabalhadores não serão mais explorados, assim como Jesus Cristo fora esperança para toda a humanidade. Assim, a menina inaugura um novo tempo para os trabalhadores alentejanos, pela sua voz e suas ações ela será uma esperança no processo de libertação dos oprimidos, nascendo, segundo o modelo bíblico, “numa terra em que não faltam pastores” (SARAMAGO, 1996, p. 294).

O nascimento de Jesus Cristo é resgatado pelo narrador através do nascimento de Maria Adelaide Espada como uma versão laica do evento bíblico. Aqui haverá, como acontece nos eventos já comentados, uma transposição do elemento divino para o âmbito do seres humanos, numa inversão característica do fenômeno da carnavalização do discurso bíblico tradicional. Contudo, no contexto do romance, o nascimento de Maria Adelaide Espada torna-se ainda mais digno para os homens do que o próprio Cristo bíblico, uma vez que o fato acontece próximo a eles, é um evento divino não distante do homem como o Cristo de que fala o padre Agamedes nas suas intermináveis missas para os trabalhadores rurais.

Para finalizar esse elenco de personagens bíblicos em *Levantado do chão*, não poderiam faltar os três reis magos para visitar Maria Adelaide Espada. O primeiro deles é o avô João Mau-Tempo, o segundo o tio Antônio Mau-Tempo e, por último, o pai Manuel Espada. Conforme o modelo bíblico, os reis magos alentejanos trouxeram os presentes para menina recém-nascida, mas nessa versão natalícia não seriam ouro, incenso e mirra, e sim uma flor de gerânio, um malmequer transformado em bem-te-quero ou então apenas as duas mãos abertas: “Manuel Espada não traz presentes, nem daqui nem de além. Mas estende as mãos e cada uma delas é uma grande flor” (SARAMAGO, 1996, p. 300). Trata-se, nesse sentido, de uma versão humilde do nascimento de Jesus Cristo, porém, repleta de sinceridade, humanidade e de um grande sentimento de felicidade por parte desses miseráveis reis magos alentejanos.

AS BESTAS-FERAS DO LATIFÚNDIO

A cosmovisão cristã medieval se preocupou sobremaneira com os animais e com a função que cada um desses seres desempenhava no plano divino da criação do mundo. Para essa doutrina cristã, incontestada durante séculos, cada animal e cada planta, os rios e o relâmpago, a floresta e o arco-íris eram espécies de livros abertos, eram “figuras” de outra realidade, sobrenatural e eterna. Portando, “tudo o que Deus criou tinha um sentido profundo e os clérigos se empenhavam na descoberta do significado de cada coisa ou ser criado” (VAN WOENSEL, 2001, p. 15). Nesse sentido, surgiam tratados pseudocientíficos que descreviam as características físicas e comportamentais de uma série de animais – tratados estes que ficaram conhecidos como Bestiários. Assim, percebe-se que, em *Levantado do chão*, há a presença não somente daquelas figuras caras ao imaginário cristão medieval (Eva, Cristo e os três reis magos), mas também se encontram, parodiados pelo autor, vários seres do mundo animal que resgatam de uma forma bem humorada o conteúdo exemplar dos tradicionais bestiários medievais.

O termo bestiário, surgido por volta do século XII, era usado para nomear a referida veia literária que desde há séculos já era bastante popular e circulava sob o nome de Physiologus [o Naturalista]. Inicialmente, esse Physiologus era simplesmente uma espécie de tratado de história natural que descrevia uma série de animais, sendo que, posteriormente, ao longo dos séculos, a cada descrição teria sido anexada uma lição moral de edificação cristã, pois esses animais existiriam com a função de transmitir aos homens alguma revelação das vontades do Criador (FRIEDMAN, 1981, p. 03). Assim, a exemplo dessa moralização cristã, o homem, segundo as lições dos bestiários, era aconselhado a seguir o exemplo do Leão: o cristão deveria, na sua caminhada cristã, “apagar” os rastros de seus pecados para o Demônio não segui-lo, da mesma forma que o Leão apaga suas pegadas com o movimento da cauda enquanto caminha (WHITE, 1984, p. 7-8).

É fato que quase toda a literatura medieval, assim como os bestiários medievais, tomaram emprestados da Bíblia elementos formais, estilísticos e temáticos. Uma das várias premissas bíblicas que reforçam a ideia da natureza como um livro aberto de conhecimentos para o homem está no livro de Jó:

“Pergunta, pois, ao gado e ensinar-te-á. Às aves do céu e informar-te-ão. Os répteis da terra dar-te-ão lições, os peixes do mar te hão de narrar, Quem não haveria de reconhecer que tudo isso é obra da mão de Deus? Em sua mão está a alma de todo o ser vivo e o espírito de todo homem carnal” (JÓ 12, 7-10).

Esse discurso religioso dos bestiários sobre o significado exemplar e moralizante dos animais encontra-se em *Levantado do chão*, por exemplo, nas inúmeras referências do narrador acerca das formigas. Vários bestiários citam a seguinte passagem bíblica ao descreverem a formiga “vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos e sê sábio” (Provérbios 6,6). Dessa advertência bíblica contra a preguiça, seguida pelos bestiários, a formiga tornou-se um animal cujo principal teor moralizante é a exortação ao trabalho. Assim, tendo em vista o contexto do romance, a formiga é a metáfora fundamental dos trabalhadores alentejanos que, assim como esse animal, são caracterizados pelo intenso e incessante trabalho no latifúndio.

Agora mesmo caiu um dos homens, fica ao nível das formigas, não sabemos se as vê, mas vêem-no elas, e tantas serão as vezes que ele cairá, que por fim lhe terão decorado o rosto, a cor do cabelo e dos olhos, o desenho da orelha, o arco escuro da sobancelha, a sombra tão branda da comissura da boca, e de tudo isto mais tarde se farão longas conversas no formigueiro para ilustração das gerações futuras, que aos novos é útil saberem o que vai pelo mundo. (SARAMAGO, 1996, p. 169)

O formigueiro é solidário ao sofrimento de Germano Santos Vidigal, o Cristo do Alentejo, como foi referido anteriormente. O sofrimento e a morte do líder dos trabalhadores é uma lição para as “gerações futuras”, lição esta que será repassada pelas próprias formigas do presente, pois também é função dos jovens o

engajamento na luta pela justiça social futura. Aqui tem-se algo que é bastante característico dos bestiários medievais – as lições e os exemplos que se podem adquirir com os animais. Embora de forma parodiada, o conteúdo doutrinário dos bestiários medievais é reaproveitado pelo autor para dar voz e poder a essas “formigas” portadoras de sabedoria “[...] saber certo esse das formigas, que têm visto muita coisa e são de boa memória, nem admira andarem sempre juntas” (SARAMAGO, 1996, p. 341).

Essas sábias formigas parecem não se enganarem em seus julgamentos, elas são bastante atentas e aprendem com o que vêem para juntas promoverem a revolução que mudará o destino dos trabalhadores do Alentejo: “Lavra grande indignação entre as formigas, que assistiram a tudo, ora umas, ora outras, mas entretanto juntaram-se e juntaram o que viram, têm a verdade inteira” (SARAMAGO, 1996, p. 176). O trabalho lento e incessante dessas formigas faz com que esse formigueiro se torne a cada dia mais forte. Aos poucos as formigas vão desenvolvendo consciência de classes e de direitos humanos; portanto, começam a se tornarem uma ameaça ao poder dos latifundiários:

Holmes está morto e enterrado, tão morto como Germano Santos Vidigal, tão enterrado como não tarda que este esteja, e sobre estes casos hão-de passar os anos e há-de passar o silêncio até que as formigas tomem o dom da palavra e digam a verdade, toda a verdade e só a verdade. (SARAMAGO, 1996, p. 176)

As formigas, observadoras e silenciosas, começam a se tornarem perigosas para o poder agrário instituído. Elas saem de uma situação passiva para uma postura mais ativa enquanto classe oprimida, passando a reivindicarem seus direitos de trabalhadoras, ou seja, essas formigas “levantam a cabeça” e começam a ladrar como cães pedindo justiça. Tal fato significa que a revolução social tão almejada está próxima, as formigas ganham voz e começam a dizer a “verdade, toda a verdade e só a verdade”. Ter voz significa que essas formigas adquiriram o direito de emitirem opinião e exigirem jornadas de trabalho mais justas e melhores salários, esse é o primeiro passo para se levantarem do chão no qual jazem na mais completa miséria.

Na lista de animais presentes nos tradicionais bestiários medievais havia desde os animais familiares como o cão, a formiga até os mais exóticos e mesmo aqueles de invenção mítica, tais como a fênix, o unicórnio dentre outros. É curioso notar que em *Levantado do chão* além da presença de animais conhecidos e familiares do homem, como a formiga, também percebe-se a presença no romance daqueles animais míticos que somente existiam no imaginário cristão medieval. Trata-se do “Leviatã”, um monstro marinho que ganhou credibilidade entre os medievais a partir de sua menção no livro Jó (40-41). A presença desse animal mítico no “mar interior” que é o latifúndio – a própria metáfora serve a esse propósito de mitificação do espaço –, reforça aquela proposta do autor em fazer do Alentejo um lugar mítico, no qual não faltam seres monstruosos e imaginados como os “pelágios” e os “leviatãs” para povoá-la:

O latifúndio é um mar interior. Tem seus cardumes de peixe miúdo e comestível, suas barracudas e piranhas de má morte, seus pelágios, leviatãs ou mantas gelatinosas, uma bicheza cega que arrasta a barriga no lodo e morre sobre ele, e também grandes anéis serpentinos de estrangulação. (SARAMAGO, 1996, p. 319) (grifos nossos)

É importante reconhecer que essa releitura do discurso religioso em *Levantado do chão* encontra-se parodiada e carnavalizada em relação ao modelo bíblico cristão. Essa consideração é imprescindível para a afirmação de que existe a possibilidade de um “bestiário do Alentejo”. Nessa tônica carnavalesca da inversão de valores, onde virtudes se tornam pecados e vice-versa, é possível perceber como os animais retratados no romance resgatam de forma inversa o simbolismo que esses animais adquiriram na tradição ocidental. Assim, alguns animais que nos bestiários medievais são considerados como impuros ou de simbologia negativa, no contexto do romance, esse simbolismo se inverte, operando uma positividade do simbolismo desse do animal. Nesse sentido, o exemplo do Porco é revelador, pois ele é considerado da seguinte maneira pelo narrador:

O maioral destes porcos não se mexia mais do que o outro, [...] tem o porco a virtude da pouca imaginação, sempre de focinho rente, se se arreda um pouco não é por mal, e uma pedrada bem apontada ou uma cachaporrada de largo, a cair nos lombos, logo o faz juntar-se ao aglomerado da vara, a sacudir a orelheira. (SARAMAGO, 1996, p. 123) (grifos nossos)

No contexto dos bestiários medievais o Porco é tido como animal impuro, isto devido às múltiplas citações da Bíblia, até mesmo o próprio Cristo se refere ao animal com essa característica negativa. Porém, em se tratando do romance, esse animal é mais uma das metáforas dos trabalhadores alentejanos. Aquilo que seria um defeito para o senso comum, ou seja, a “pouca imaginação” do indivíduo, é referido ironicamente pelo narrador como se tal característica fosse uma “virtude” do animal. Assim, a subserviência do animal que, anda “sempre de focinho rente” ao chão, é para o contexto marxista do romance a representação da passividade dos trabalhadores que sempre sofreram o jugo da tirania dos latifundiários sem esboçarem nenhuma reação de defesa de seus interesses.

Há trabalhadores nesse latifúndio que realmente são “porcos” subservientes com relação aos patrões, contudo, há aqueles “animais” que desejam mudanças e lutam por elas, tais como Maria Adelaide Espada e João Mau-Tempo. Esses personagens corajosos são comparados com um animal de simbologia positiva – a Lebre –, cuja curiosidade é a principal virtude. Nas histórias contadas por Antônio Mau-Tempo, essas “lebres curiosas” gostam de ler jornais e por isso são mortas pelo caçador. Tal relação Homem/Lebre torna-se uma clara metáfora daqueles indivíduos conscientes e idealistas que foram mortos durante a ditadura salazarista em Portugal. Em contraposição às lebres curiosas, que não podem ver um jornal caído numa estrada e vão logo saber as notícias, há os “gatos” que não querem saber o que vai pelo mundo:

Como toda a gente sabe, a lebre é curiosa, Ainda mais do que o gato, Nem há comparação, basta dizer que o gato não quer saber do que vai pelo mundo, a ele tanto se lhe dá, ao passo que a lebre não pode ver um jornal caído numa estrada que não vá logo ver o que se passa, e tanto assim que há caçadores que descobriram um sistema, põem-se de atalaia atrás dum valado e quando a lebre se chega para saber as notícias, trás, fogo nela, o pior é que o jornal fica esfarrapado pelo chumbo e tem de se ir arranjar outro, já se viu um caçador com uma cartucheira de jornais, até parecia mal, [...] daí a pouco aparece a primeira lebre, aos saltos, morde além, trinca por este lado, e de repente fica com as orelhas espetadas, viu o jornal, Que faz ela, Coitada, nem desconfia, vai naquela ânsia de saber as notícias, corre para o jornal e começa a ler, é uma lebre feliz e contente, não lhe escapa uma linha, mas eis senão quando chega o nariz ao montinho da pimenta e funga, E que é que acontece, O mesmo que lhe aconteceria a si se lá estivesse, espirra, bate com a cabeça na pedra e morre, E depois, Depois é só ir buscá-la, mas querendo, passa-se por lá umas horas mais tarde e então é um cinturão de lebres, atrás de uma foi a outra, é o que têm, são muito curiosas, não podem ver um jornal. (SARAMAGO, 1996, p. 282/283)

O exemplo positivo da curiosidade da Lebre é, em contrapartida, a causa de sua perseguição e morte pelo caçador. O animal vai morrer por ter querido ler no jornal o que acontece no mundo, ou seja, por quer “saber demais”. Uma Lebre curiosa e questionadora chamada João Mau-Tempo é presa e torturada pela repressão militar, pois nessa época de censura e cerceamento da liberdade, a ditadura salazarista usou armadilhas para reprimir manifestações populares que pudessem colocar em risco o poder absoluto instituído. Contudo, haverá um dia em que as “lebres” do Alentejo, tanto as vivas quanto as que já morreram, como João Mau-Tempo, poderão “ler o seu jornal”, gozando do direito de saber e de pensar livremente. Esse dia, que corresponderá ao dia da invasão das propriedades e, ao mesmo tempo, ao fim do poder dos patrões, já nas últimas páginas de *Levantado do chão*, será o dia em que os mortos se juntarão aos vivos num dia “levantado e principal” para celebrar a liberdade.

Assim, a historia do latifúndio (e do romance) termina numa euforia apocalíptica de encerramento e renovação a um só tempo. No apocalipse desse evangelho saramaguiano não faltam nem mesmo os famosos “dragões” bíblicos e os quatros cavaleiros do apocalipse, os quais são: a guerra, a peste, a fome e o quarto “que é o das feras da terra” (SARAMAGO, 1996, 118). Os “dragões” da guarda do Estado são obrigados a assistirem a esses acontecimentos apocalípticos e a deixarem os trabalhadores invadir as propriedades, pois o poder do Mal chegou ao fim com a vitória do Bem. Assim, se se considerou *Levantado do chão*, como um “evangelho” saramaguiano, nada mais natural que esse último capítulo do romance seja um equivalente do livro do Apocalipse, o último livro da Bíblia. A obra acaba com a ressurreição dos mortos, aqueles “cristos” mortos e torturados que não chegaram a ter em vida a noção de redenção e liberdade.

Por fim, cabe dizer que os bestiários medievais estão presentes no romance como uma outra maneira de falar sobre as relações humanas. José Saramago apresenta os bichos como seres providos de inteligência ou

sensibilidade e projeta neles sentimentos e conflitos humanos. Na maioria das vezes o autor parodia o estilo moralizador e o conteúdo ingenuamente maravilhoso dos bestiários medievais, produzindo efeitos claramente humorísticos. Nesse sentido, pode-se dizer que o romance cultiva *lato sensu* a veia medieval acerca do simbolismo dos bestiários.

APOCALIPSE

A presença desse discurso cristão medieval relaciona o romance de Jose Saramago a toda uma tradição da imagística religiosa ocidental, cuja principal fonte é, sem dúvida, o texto bíblico. A obra ironiza não apenas a instituição da Igreja, mas toda a iconografia cristã através da paródia, despidendo esse simbolismo de sua aura sagrada. Essa paródia relê e retoma a palavra antiga invertendo o seu significado e reavaliando sua ideologia, inaugurando uma nova ética contrária à primeira. O principal agente dessa dessacralização é o narrador, uma vez que os personagens não possuem consciência crítica para questionar as verdades religiosas, tais personagens simplesmente repetem esse discurso cristão tradicional constantemente reiterado nas missas do eterno padre Agamedes.

Pode-se perceber que a releitura desse simbolismo cristão ocidental realizada no romance – o resgate de figuras bíblicas e do simbolismo dos bestiários medievais – é, a um só tempo, marxista e cristão. A Terra prometida aos cristãos é equivalente a uma sociedade sem classes ou comunista, a redenção final do espírito no discurso cristão é tão desejada quanto a conquista material dos trabalhadores. Toda a trajetória dos trabalhadores rurais vai em direção ao fim comum da humanidade, na qual se espera a realização do espírito e a justiça social. Nesse sentido, do cristianismo espera-se a redenção final, enquanto do marxismo e do esforço pessoal espera-se a realização humana.

Pelo que foi exposto, pode-se considerar que a incursão do autor nesse discurso é uma releitura de uma tradição e não simplesmente uma reiteração de dogmas imutáveis. Nesses valores cristãos carnavalizados, há uma espécie de sacralização dos seres humanos e, ao mesmo tempo, uma profanação do elemento sagrado. Algo semelhante a isso se dá com relação aos animais, pois uma vez que, no romance, o conteúdo moralizador seriamente considerado na tradição medieval é tratado de forma humorística, opera-se uma paródia dessacralizadora do simbolismo que esses animais possuem nos textos bíblicos e nos bestiários medievais. Assim, tem-se no romance uma espécie de evangelho singular, uma leitura saramaguiana do universo simbólico e do imaginário cristão medieval com o propósito de contar, de uma maneira simbólica, a luta de classe e a revolução campesina no latifúndio alentejano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. São Paulo, 1993.
- FRIEDMAN, J. B. The monstrous races in medieval art and thought. Cambridge: Massachusetts and London: Harvard University Press, 1981.
- KRAUSS, H. O Paraíso: de Adão e Eva às utopias contemporâneas. São Paulo: Ed. Globo, 2006.
- REIS, C. Diálogos com José Saramago. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.
- SARAMAGO, J. Levantado do chão. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 1996.
- SEIXO, M. A. O essencial sobre José Saramago. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- SILVA, T. C. C. José Saramago entre a História e a Ficção: uma saga de portugueses. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- VAN WOENSEL, M. Simbolismo animal medieval: os bestiários. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2001.
- VIÇOSO, V. “Levantado do chão” e o romance neo-realista. Colóquio Letras, Lisboa, v.1, n.151/1523, p. 239-248, 1º sem. 1999.
- WHITE, T. H. The book of beasts: being a translation from a Latin bestiary of the twelfth century. New York: Dover Publications Inc., 1984.

Eduardo VIEIRA GERVÁSIO, doutorando
Universidade Federal de Goiás – UFG
Faculdade de Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
E-mail: eduvieiraufg@bol.com.br